

RECURSOS DIGITAIS PARA TRADUÇÃO: AS VARIAÇÕES SEMÂNTICAS DO PORTUGUÊS PARA INGLÊS E FRANCÊS

Aline das Graças Monteiro Miranda Barros (UENF)

alinegnmmiranda27@gmail.com

Andrik Barbosa Riso (UENF)

andrikrisso@hotmail.com

Rafaela Sepulveda Aleixo Lima (UENF)

rafaelasepulveda@gmail.com

RESUMO

Na era pautada pela globalização, pela informação e pela tecnologia, a aprendizagem de uma língua estrangeira não é apenas um diferencial, mas sim uma ferramenta essencial para que o indivíduo possa atuar e interagir de maneira consciente e crítica na sociedade na qual está inserido. Entretanto, com os recursos tecnológicos disponíveis, hoje em dia, (*sites*, aplicativos, etc.) os estudantes buscam, muitas vezes, o recurso da tradução através de recursos online para a aprendizagem de vocabulário em língua estrangeira, neste caso, do Inglês e do Francês. Contudo, muitos desses estudantes não têm a noção de que as palavras variam semanticamente e de que, dessa forma, elas podem apresentar sentidos diferentes, dependendo do contexto em que estão inseridas. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise linguístico-comparativa entre expressões idiomáticas em Inglês, Francês e Português.

Palavras-chave:

Tradução. Expressões idiomáticas. Línguas estrangeiras.

ABSTRACT

In an era of globalization, information and technology, learning a foreign language is not only a differential but is an essential tool for the individual to act and interact consciously and critically in the society in which he/she is inserted. However, with the technological resources available today (websites, applications, etc.), students often seek translation through online resources for learning foreign language vocabulary, in this case, English and French. However, many of these students are unaware that words vary semantically and thus may have different meanings depending on the context in which they are inserted. Thus, the present work aims to make a linguistic-comparative analysis between idioms in English, French and Portuguese.

Keywords:

Translation. Foreign language. Idiomatic expressions.

1. Considerações iniciais

Nos processos de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira não podemos ter a concepção simplista e ingênua de que tais processos podem ser resumidos ao domínio do vocabulário (compreendido apenas como o conjunto de palavras) e das regras gramaticais.

A aprendizagem de uma língua estrangeira envolve fatores que vão muito além da aquisição do vocabulário e do conjunto de normas próprias da língua. Nesse sentido, para aprender uma língua é crucial ter em mente que todo idioma traz em si aspectos peculiares de sua cultura, pois língua e cultura possuem interligações muito estreitas. Dessa forma, nos processos de tradução de um idioma para o outro, nesse caso do Português para o Inglês e para o Francês, muitas vezes, a tradução literal ou automática não dá conta de abarcar toda a carga semântica de um vocábulo ou expressão, devido às figuras metafóricas e/ou expressões idiomáticas.

As metáforas, como recurso para formular conceitos abstratos, e as expressões idiomáticas, fenômeno da linguagem figurada, são essenciais para a compreensão dos diferentes tipos de discurso em uma determinada língua. O uso de expressões idiomáticas (EIs) é bastante frequente nas conversas do dia a dia. Sendo assim, conhecer, compreender e usar adequadamente expressões idiomáticas é essencial para que os indivíduos possam se comunicar de forma efetiva, tanto na língua materna quanto na língua estrangeira.

Na contemporaneidade, marcada pela informação e pelas múltiplas facilidades oferecidas pelos mais variados recursos tecnológicos disponíveis, como sites, aplicativos, etc., muitos estudantes buscam, muitas vezes, o recurso da tradução, através de recursos *on-line* para a aprendizagem de vocabulário em língua estrangeira, neste caso, do Inglês e do Francês.

Entretanto, o que se percebe é que esses estudantes não têm a noção de que as palavras e expressões sofrem variações semânticas ao serem traduzidas de um idioma para o outro, podendo apresentar sentidos diferentes, dependendo do contexto em que estão inseridas.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo, no primeiro momento, fazer uma análise linguístico-comparativa entre expressões idiomáticas em inglês, francês e português. Para isso, convém apresentar algumas considerações acerca do tema Expressões Idiomáticas com base

nas referências de Lakoff e Johnsen (1980), Rio-Torto (2012), Corpas Pastor (1997; 2001) entre outros. No segundo momento, a partir das contribuições de Lopes (1992) e Murar (2009) é abordada a temática da Fra-seologia como um ramo da Linguística. Já num terceiro momento o presente trabalho, apresenta a questão da Tradução: escolhas de um processo. Tendo com suporte teórico as contribuições de Berman (2007), Venu-ti (2002) e Lefevere (2007).

2. Expressões idiomáticas: da língua à cultura, um percurso discursivo

Em todas as línguas há estruturas linguísticas que diacronicamente cristalizam-se por meio de tradições socioculturais e discursivas. Não são, pois expressões formadas livremente no ato da fala, mas estruturas pré-construídas cujos falantes reproduzem como unidades coesas e são denominadas Expressões Idiomáticas (EIs), Idioms (em Inglês) e ExpressionsIdiomatiques (em Francês).

As EIs são exemplos de estruturas dotadas de coesão lexical que não dependem de uma relação semântica restrita às suas partes, “mas de uma associação particular entre os itens em questão” (HALLIDAY, 2014, p. 648). Elas não são apenas uma locução gramatical, mas uma unidade lexical complexa e indecomponível, ou seja, seus componentes na produção de sentido não se dissociam, podendo estar sujeitos apenas a pequenas variações.

Consideradas unidades polilexicais, elas sofrem uma mutação semântica onde seus componentes passam a ter coletivamente outra significação. Assim sendo a EI não pode ser interpretada como uma idiosincrasia, mas como uma unidade com traços categoriais próprios com relações sintático-semânticas e pragmáticas regulares dentro da irregularidade das construções fixas.

Uma das marcas das EIs é sua indecomponibilidade por serem unidades frasais que constituem uma combinatória fechada, de distribuição única ou bastante restrita, pois apresentam-se como sintagmas complexos sem paradigmas, ou seja, sem nenhuma operação de substituição (CORPAS PASTOR, 1997, 2001; XATARA *et al.*, 2001). A distribuição de uma EI leva em conta seu significado (“pagar o pato” significa “sofrer as consequências” em qualquer significação contextual), a ordem das ocorrências (“dar com a cara na porta” é possível, mas “dar na porta com a

cara” não), relações de similaridade (“dar com a cara na janela” não constitui uma EI) e as relações de contiguidade (“diabo a quatro” é aceitável, mas agramatical).

Outra característica é a conotação, que marca os segmentos num nível de abstração constituindo uma transferência de significado de um lugar semântico a outro, com o significante continuando mesmo (GREIMAS, 1960). Trata-se de um tipo de paráfrase metafórica atualizada em unidades comutáveis com frases inteiras. Por exemplo, a frase “Nesse mato tem coelho” indica que há algo que não está claro num determinado assunto. A motivação da constituição das EIs é, portanto metafórica em que cada componente perde sua função nominativa própria e se *dessemantiza*.

Não basta, porém, que uma lexia seja indecomponível e conotativa para ser denominada idiomática. Outro fator crucial, responsável pela lexicalização, é a frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes, em outras palavras, sua consagração pela tradição cultural que a cristaliza em uma expressão idiomática tornando-o estável em sua significação (ZULUAGA, 1980).

Reconhecendo que as EIs constituem “uma categoria especial de itens lexicais que apresentam uma estrutura fixa [...], complexidade estrutural assim como um comportamento específico dentro de cada língua” (MURAR, 2009, p. 146), é necessário, conforme anteriormente citado compreender o conceito de metáforas para melhor estudá-las. Uma metáfora é uma analogia sistemática e coerente onde domínio cognitivos e de experiência corporificam concepções abstratas que “prevalencem no nosso dia a dia não apenas na língua, mas também nos pensamentos e nas ações” (LAKOFF; JOHNSEN, 1980, p. 3) de uma determinada comunidade de fala.

Essas metáforas podem ser classificadas em: orientacionais, ontológicas e estruturais. A primeira (orientacional) é aquela que organiza um sistema inteiro de conceitos em relação a direcionamentos diversos como “cima/ baixo” (“up/ down” ou “l’interieur/étaint”) que, respectivamente, representam feliz/triste como na frase (1) “Ela está para cima hoje” e (2) “Eu estou meio para baixo”. Em inglês, há uma expressão similar em (3) “She is feeling up today” e (4) “I am kind of down”. Em Francês, não há uma EI com os advérbios “l’interieur/étaint”, apresentando-se de forma

literal através de (5) “Elle est heureuse aujourd’hui” e (6) “Je sui triste” ou outras expressões.³¹⁹

As metáforas ontológicas “envolvem a projeção da entidade ou substância de algo que não tem esse estado inerente” (LAKOFF; JOHNSEN, 1980a, p. 2). Por exemplo, a ideia de um lugar fechado indicar opressão, problema ou não-resolução como expresso na EI (7) “Você vai sair dessa!” cuja tradução em Inglês é (8) “You will get over it” (você irá superar) e em Francês, (9) “À quimieux” (cuja tradução literal é: seria a quem melhor, melhor). Outro exemplo é a expressão (10) “Estou por aqui com você” fazendo esse contraponto a ideia espacial de aqui/lá; here/there; ici/là que seria (11) “I am fed up with you” (tradução literal: estou gordo de você) e (12). Em “avoir ras le bol” (tradução literal: ter a tigela cheia).

Já as metáforas estruturais “envolvem estruturação de uma experiência ou atividade em função de outra” (*Ibidem*, p. 6). A expressão (13) “fogo de palha” envolve dois substantivos de universos diferentes trazendo à tona suas características como algo que queima e algo leve, respectivamente, à EI indicando algo passageiro, efêmero, dado que a palha queima rapidamente. Na Língua Inglesa essa expressão não encontra equivalente, mas outra expressão (14) “ninde-day wonder” (desejo de 9 dias) e está relacionado à tradição cultural da igreja católica de realizar novenas. Já em Francês a EI fica (15) “Ne pas faire long feu” (tradução literal: não fazer fogo longo) remetendo semântica e sintaticamente ao Português.

Portanto, tanto as metáforas estruturais quanto as orientacionais e ontológicas são consideradas “expressões linguísticas ou itens lexicais que representam objetos, conceitos ou fenômenos da vida específicos de cada língua” (ADELNIA *et al.*, 2011, p. 879) e compõe as EIs que, por sua vez, a partir desses processos de formação apresentam diferentes graus de idiomatidade e composicionalidade. Estes delineiam as unidades gráficas dos limites inferiores (partes) aos superiores (unidade).

Por idiomatidade entende-se a qualidade do sentido, “quando o significado não pode ser compreendido tendo em conta apenas o significado de suas partes” (RIO-TORTO, 2012, p. 397) tornando as EIs maiores que palavras no sentido de que não podem ser apreendidas separada-

³¹⁹ As traduções literais dos textos supracitados foram feitas através do tradutor online *Google Tradutor*. Disponível em: <https://translate.google.com/?hl=pt-BR>.

mente, mas apenas como uma unidade caracterizando aquilo que não se traduzir. Há, pois, uma relação irregular entre as estruturas do conteúdo e da expressão de modo que o sentido literal, interno da unidade fraseológica (UF) é perdido e o externo, pragmático prevalece (KEROMNES, 2013).

Já por composicionalidade, entende-se “a função dos sentido de suas partes e a forma como estão combinados” (VALENTIM, 2009, p. 39) enfatizando os níveis sintáticos das expressões e caracterizando-as em deformáveis (aquelas que admitem certas alterações) e não-deformáveis (não admitem). A EI (16) “mexer os pauzinhos” significa “arrumar uma solução para algo” ao ser traduzida para o Inglês fica (17) “to pull strings” cuja tradução literal é “puxar as cordas”. Em Inglês essa EI pode ser encontrada de diferentes formas como por exemplo (18) “By pulling string she got us the Best seats” (Mexendo os pauzinhos ele nos conseguiu os melhores assentos) ou (19) “I will see if I can pull some strings and get you a table” (Eu verei se consigo mexer alguns pauzinhos e consigo uma mesa para vocês).

No entanto, em EIs como (20) “bater as botas” não é admitido o mesmo grau de variação sintática como na frase anterior. Dizer, pois (21) “João bateu as botas” indica que João faleceu, mas dizer (22) “As botas foram batidas por João” não necessariamente indica a mesma ideia podendo significar que João chegou do trabalho, tirou as botas e as bateu para não sujar casa. Isso indica que a composicionalidade apresenta diferentes graus variando conforme a EI e a língua em que se apresenta.³²⁰

3. Fraseologia: das partes ao todo, uma análise linguística

A fraseologia é um campo de pesquisa da Linguística, cujo objeto é a unidade fraseológica (UF) que é uma unidade do discurso repetido formando pequenos microtextos que não podem ser analisados via gramática tradicional, mas contemplando os aspectos interdisciplinares da Morfologia, Sintaxe, Semântica, Pragmática, Psico e Sociolinguística.

As EIs são um tipo de unidade fraseológica cujo “valor semântico é autônomo em termos comunicativos” ocorrendo como enunciados completos no ato discursivo revelando “certa estrutura e funcionamento

³²⁰ As traduções literais dos textos supracitados foram feitas através do tradutor online *Google Tradutor*. Disponível em: <https://translate.google.com/?hl=pt-BR>.

semântico que escapa aos princípios de uma semântica composicional” (LOPES, 1992, p. 22).

Murar (2009) apresenta algumas características dessas UFs: (a) um elemento não é autônomo em relação ao outro que compõe a unidade léxico-semântica. Por exemplo (23) “poser” (colocar) e (24) “lapin” (coelho), mas (25) “poser un lapin” indica (26) “dar um bolo”; (b) não separabilidade dos componentes, exemplo: (27) “en avoir” (ter) e (28) “ras le bol” (nivelar), mas (29) “en voir ras le bol” que significa (30) “estar de saco cheio”.³²¹

Outra característica é (c) a integração dos seus elementos. Exemplo: (31) “Il a seché les cours” significa literalmente (32) “ele secou as aulas” que ao ser compreendido num sentido exterior, amplo indica que (33) “Ele matou as aulas” só podendo ser compreendido em relação a compatibilidade sistêmica do sintagma. Em relação à (d) substituição dos termos do sintagma torna-se um processo complexo, pois na EI (34) “O mundo dá voltas” (em inglês “The world turns” e em Francês “La roue tourne”), a substituição da palavra “mundo” causa estranheza embora passa aparecer num contexto de ironia ou paródia como é o caso da EI (35) “a vida não dá voltas, ela capota”.

Outra característica relaciona-se à sociolinguística no tocante à produção e à prática social da linguagem. A (e) produtividade de uma EI é determinada pelo espaço-tempo sociocultural de seu uso. Exemplo (36) “Chuchu beleza” (legal, beleza) é uma EI que não é tão frequente entre os jovens da atualidade não tendo correspondente em Francês ou Inglês, caracterizando-se como tipicamente brasileira.

Por fim, a (f) recorrência diz respeito ao emprego prolongado da sequência sintagmática e seu significado conduzindo a uma integração sintático-semântica. Um exemplo poderia ser a EI (37) “Filho de peixe, peixinho é” que não foi substituída por (38) “Filho de gato, gatinho é” demonstrando que o aspecto arbitrário ou convencional é a combinação de seus elementos sendo considerados não apenas composicionais, mas também vinculando a ideia de que o significado também está convencionalizado.

Isso comprova-se ao traduzir as expressões para a língua inglesa

³²¹ As traduções literais dos textos supracitados foram feitas através do tradutor online *Google Tradutor*. Disponível em: <https://translate.google.com/?hl=pt-BR>.

(LI) que no *Google Tradutor* apresentou-se como (39) “Son of fish, gold fishis” (tradução literal), no entanto a EI equivalente é (40) “The apple doesn’t fall far from the tree” (A maçã não cai longe da árvore) ou no Francês que ao invés de (41) “Les chiens ne font pas des chats” (Um cachorro não faz um gato) foi traduzido como (42) “fils de poisson, poisson rouge est” (tradução literal).

Ao analisar essas EIs a nível sintático, percebe-se que elas podem ser subdivididas em *clause idioms* ou *phrase idioms*. Segundo *Oxford Dictionary of Current Idiomatic English* (2006), os modelos mais comuns de *clause idioms* são:

- Verbo + Complemento *turn white* (tradução literal: virar branco; tradução cultural: gelar), *go berserk* (tradução literal: ir furioso; tradução cultural: perder as estribeiras)

- Verbo + Objeto Direto *smell a rat* (tradução literal: cheirar como um rato; tradução cultural: feder), *have Green fingers* (tradução literal: ter dedos verdes; tradução cultural: ter sorte)

- Verbo + Objeto Direto + Complemento *paint the town red* (tradução literal: pintar a cidade de vermelho; tradução cultural: pintar o sete), *keep the flag flying* (tradução literal: manter a bandeira voando; tradução cultural: permanecer de pé)

- Verbo + Objeto Indireto + Objeto Direto *do sb credit* (tradução literal: fazer um crédito; tradução cultural: dar moral), *lend a hand* (tradução literal: emprestar uma mão; tradução cultural: dar um mãozinha)

- Verbo + Objeto Direto + Adjunto *takes the miss* (tradução literal: pegar o engano; tradução cultural: entender errado)³²²

De acordo com *Longman Dictionary of English Idioms* (1990) estas expressões idiomáticas (*Phrase idioms*) não são sentenças completas, mas funcionam como um complemento da frase podendo ser divididos em:

³²² As traduções literais dos textos supracitados foram feitas através do tradutor online *Google Tradutor*. Disponível em: <https://translate.google.com/?hl=pt-BR>.

• Sintagma nominal *a crashing bore* (tradução literal: chato demais; tradução cultural: burrada), *red herring* (tradução literal: arenque vermelho; tradução cultural: disfarce)

• Sintagma adjetivo *wet behind theears* (tradução literal: molhado atrás da orelha; tradução cultural: inexperiente), *green with envy* (tradução literal: verde de inveja; tradução cultural: morto de inveja)³²³

• Sintagma Preposicional *in the nick of the time* (tradução literal: no apelido do tempo; tradução cultural: de uma vez por todas), *in someone's bad books* (tradução literal: no olhares ruins de alguém; tradução cultural: em maus lençóis)

• Sintagma adverbial *as often as not* (tradução literal: tão frequente quanto não; tradução cultural: na maioria das vezes), *down and out* (tradução literal: fundo e fora; tradução cultural: altos e baixos)

4. Tradução: dos recursos digitais à culturalidade, escolhas de um processo

A tradução não é uma sublitteratura como acreditava-se no século XVI nem uma subcrítica como no século XIX. Ela também não é uma linguística como acreditava-se no século XX, mas uma experiência, sujeito e objeto de um saber próprio (BERMAN, 2007). O conceito contemporâneo de tradução é aquele que considera a tradução não como a transmissão de um conteúdo linguístico, mas como um ato de levar uma cultura a outra (VENUTI, 2002; LEFEVERE, 2007).

Em tal processo cabe ao tradutor realizar as interpretações e adaptações necessárias para propor alternativas e estratégias para a tradução. Domesticar (aproximar a tradução à cultura de chegada) ou *estrangeirizar* (traduzir tal qual o texto é, exigindo um deslocamento do receptor à cultura estrangeira) são caminhos que trazem à tona a discussão acerca da fidelidade. Longe de esgotá-la, Berman (2007, p. 32) diz que “a fidelidade do sentido é uma infidelidade à letra. Mas a infidelidade à letra estrangeira é necessariamente uma fidelidade à letra própria”.

³²³ As traduções literais dos textos supracitados foram feitas através do tradutor online *Google Tradutor*. Disponível em: <https://translate.google.com/?hl=pt-BR>.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Os recursos digitais de tradução são muito utilizados no Brasil para tradução de texto como *Google Tradutor*, *Linguee*, *Babylon*, entre outros, mas estes recursos não compreendem o texto como um todo, mas apenas suas partes oferecendo, posteriormente, opções de tradução contextualizados ou não, ficando à sua responsabilidade a revisão e adaptação aos sentidos. Além disso, por desconsiderar fatores sociolinguísticos e pragmáticos, o tradutor fica restrito à tradução literal e não realiza as devidas alterações nas estruturas sintagmáticas das frases.

Entendendo, pois que cultura é tudo aquilo inerente a um povo, história e suas tradições/costumes, os signos culturais são variáveis e só podem ser interpretáveis pela interação cultural e contextual, não possível na tradução digital. Pensando na perspectiva semiótica e na unificação entre texto, língua e cultura é incoerente negá-la no processo tradutório.

Neste aspecto, o papel criativo da língua impede uma tradução que busque uma equivalência natural (caráter tradutivo do texto, fidelidade ao original), mas exige uma perspectiva contextual, fluída e viva da língua. Segundo Burke *et al.* (2002), a expressão “tradução cultural” foi originalmente cunhada por antropólogos do círculo de Eward Evans-Pritchard para descrever a recepção dos textos em encontros que envolviam diversas nacionalidades.

Corroborando com essa ideia, Schlieirmacher (2010) afirma que a tradução é a representação de um povo na língua e a cultura é o ponto de partida e chegada de qualquer texto, que ao ser traduzido, modifica-se. O intuito, pois da tradução cultural das EIs é proporcionar aos coenunciadores uma proximidade semântica necessária a sua interpretação revelando essa relação dos falantes com sua língua, que não se resume a fatores exclusivamente linguísticos, mas a um meio de realização do falante num grupo. Uma verdadeira marca de identificação social cujo uso quebra formalidades, favorece interações e permitem a mútua identificação (ALVAREZ, 2011).

A escolha do método, a compreensão de quem é o receptor e o propósito (NORD, 2006) constituem princípios fundamentais do processo de tradução cultural. Para que essa tradução seja funcional, ou seja, “funcione aos coenunciadores numa situação comunicativa e particular de acordo com a intenção dos enunciadores” (*Ibidem*, p. 31) àqueles precisam atribuir sentido ao texto no momento da recepção.

No entanto, nenhum texto precisa ser obrigatoriamente funcional assim como nenhum tradutor pode ter certeza se a tradução será vista como funcional quando chegar ao leitor/interlocutor. Cabe, portanto, ao tradutor, selecionar as informações e adaptá-las sociolinguisticamente à cultura de chegada.

Deste ponto de vista complexo e multiforme, a tradução cultural, vista como um conjunto de processos interpessoais, é uma possibilidade à tradução das IEs dado que relaciona-a à sua cultura e sociedade. Sendo ela (EI) complexa, conotativa e estável, seu “significado não corresponde à soma dos significados simples dos seus componentes” (RODRIGUES *at al.*, 2003, p. 155), mas volta-se para o sentido contextual como no caso da EI (43) “perder a cabeça” (em Inglês “lose mind”; em Francês “perdre la tête”), cujo sentido do verbo “perder” é diferente do presente na frase (44) “perder a carteira”.³²⁴

Entendendo que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu [...] e a cultura aparece como sendo essa teia e a sua análise” (GUEERTZ, 2011, p. 4), a tradução não pode figurar como uma ciência experimental, mas como uma ciência interpretativa onde ao levar em conta a simbiose entre língua, texto e cultura, a tradução cultural precisa ser entendida como um processo, uma atuação linguística e social numa situação específica: é uma área intercultural (HENNECKE, 2015).

Assim, o conceito de “coerência cultural” é imprescindível às IEs onde o texto traduzido precisa estar atrelado etnocentricamente à cultura meta. As escolhas, adaptações e reescritas não são possíveis em softwares dado que estes não possuem aspectos cognitivos-culturais em seus “processos”, mas apenas são softwares programados para oferecer maior possibilidade de escolha tradutiva.

Outro fator crucial é a marca ideológica que apoia as IEs e a tradução, dado que no processo tradutório eletrônico o contexto, o meio e a função da tradução são desconsiderados.

A ideologia dita a estratégia básica que o tradutor usará e, portanto, também as soluções de problemas relacionados tanto ao “universo discursivo” expresso no original (objetos, preocupações, hábitos pertencentes ao mundo que era familiar ao escritor do original) e à língua em que o pró-

³²⁴ As traduções literais dos textos supracitados foram feitas através do tradutor online *Google Tradutor*. Disponível em: <https://translate.google.com/?hl=pt-BR>.

A tradução é responsável pela construção de uma inteligibilidade que também é uma posição ideológica. Essa troca cultural e construção de identidades requerem uma análise na tradução de modo mais peculiar. Um dos elementos mais importantes de expressividade do léxico são as EIs que marcam uma verdadeira identificação social dos interlocutores. Não há, pois tradução exata para os termos semelhantes, a carga semântica torna o processo complexo e isso reforça os processos de identificação, compreensão e transposição.

“A idiomatidade é precisamente aquilo que é característico de uma língua, não se deixando, assim, traduzir” (KEROMNES, 2013, p. 4). No mundo atual, globalizado e plurilíngue, a tradução se torna uma atividade cada vez mais necessária e de certa forma simples devido aos vários recursos tecnológicos disponíveis para essa finalidade nos dias de hoje. A fim de ilustrar as reflexões acerca do processo de tradução de EI por meio do uso de recursos tecnológicos como sites, aplicativos e dicionários online, foi selecionado um corpus que apresenta EI que fazem referência a partes do corpo.

Esse *corpus* é proveniente de uma dissertação desenvolvida por Jana Vakacova (2005) em que é feita uma análise linguístico-comparativa entre o inglês, o tcheco, o francês e o alemão. Esse *corpus* foi obtido a partir de uma pesquisa bibliométrica. Nesse sentido, foram feitas algumas análises comparativas de EI do português para o inglês e para o francês. Foram utilizados os dicionários de expressões idiomáticas: The American Heritage Dictionary of Idioms (AHDI, 1997), Cambridge International Dictionary of Idioms (CIDI, 1998), Dictionary of Idioms and their Origins (DIO, 2003) bem como o *Google Tradutor*.³²⁵

³²⁵ As traduções literais dos textos supracitados foram feitas através do tradutor online *Google Tradutor*. Disponível em: <https://translate.google.com/?hl=pt-BR>.

Quadro 1.

Português	Inglês	Francês	Origem da EI/Significado
Comer na mão de alguém.	To eat out of s'one's hand.	Obéir qu'un comme un chien. Tradução dada pelo <i>Google tradutor</i> : Mangez à la main de quelqu'un.	Remete à ideia de um animal comendo na mão do homem; é usada desde início de 1900.

Fonte: Elaboração própria dos autores.

De acordo com o quadro acima, a primeira EI “Comer na mão de alguém” significa, em português, uma ideia de submissão, de uma subordinação. Traduzindo essa EI para o inglês, tem-se o equivalente (43) “To eat out of s'one's hand”, mantendo o mesmo sentido sugerido em Português. Entretanto, ao fazer-se a tradução para o francês, essa expressão é um pouco diferente, pois (44) “Obéir qu'un comme un chien” significa (45) “Obedecer como um cão”, não mantendo o mesmo significado da EI em português. Dessa forma, não tem-se, em francês, a expressão (46) “Comer na mão de alguém”. No entanto, ao utilizar a ferramenta *online* do *Google Tradutor*, mesmo não fazendo uma equivalência pragmática, o tradutor *on-line* apresenta uma tradução diferente (47) “Mangez à la main de quelqu'un” (tradução literal).³²⁶

Quadro 2.

Português	Inglês	Francês	Origem da EI
Ficar de olhos bem abertos.	To have eyes in the back of one's head. Tradução feita pelo <i>Google tradutor</i> : Keeping eyes wide open (manter olhos bem abertos)	Avoir les yeux derrière la tête. Tradução feita pelo <i>Google tradutor</i> : Garder les yeux grands ouverts (guardar os olhos abertos)	Origem não identificada. Remete à ideia de estar atento, desconfiado. Inglês e francês focam na posição dos olhos.

Fonte: Elaboração própria dos autores.

³²⁶ As traduções literais dos textos supracitados foram feitas através do tradutor online *Google Tradutor*. Disponível em: <https://translate.google.com/?hl=pt-BR>.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No quadro 2, apresenta-se a EI, em português, (48) “Ficar de olhos bem abertos”, que significa ficar atento, desconfiado, prestar atenção, ficar ligado em tudo. A tradução dessa EI tanto para o inglês (49) “To have eyes in the back of one’s head” quanto para o francês (50) “Avoir les yeux derrière la tête.” apresentam o mesmo sentido da EI em Português, ter os olhos atrás da cabeça, ou seja, também estar em estado de atenção. Verifica-se que tanto em inglês quanto em francês, a ideia de estar em estado de atenção é salientado pela posição dos olhos, atrás da cabeça.

Entretanto, ao utilizar o *Google Tradutor* para realizar essa atividade de tradução, não obtém-se o mesmo resultado. O *Google Tradutor* faz, neste caso, a tradução literal da EI (51) “Keeping eyes wide open.”, que significa, estar com os olhos abertos para receber algo, ver as coisas de forma clara. O mesmo processo de tradução literal acontece com a tradução feita do português para o francês pelo *Google Tradutor*, (52) “Garder les yeux grands ouverts.” Comparando os exemplos de tradução, verifica-se, neste caso, que apesar da tradução literal feita pelo *Google* da expressão (53) “Ficar de olhos bem abertos.”, é possível inferir o sentido implícito na expressão.

Quadro 3.

Português	Inglês	Francês	Origem da EI
Dar uma de João sem braço.	To play ignorant. Tradução feita pelo <i>Google tradutor</i> : Give John without arm.	fairesemblant Tradução feita pelo <i>Google tradutor</i> : Donner John sans bras.	No Brasil, a expressão surgiu no período da primeira guerra mundial. Remete à ideia de uma pessoa omissa, trapaceira.

Fonte: Elaboração própria dos autores.

A EI (54) “Dar uma de João sem braço”, surgiu no período da primeira guerra mundial quando as pessoas fingiam não ter um braço para não irem para a guerra. Essa expressão foi se popularizando, mas em Inglês e Francês não temos a existência desta expressão. A expressão, em inglês, com o sentido próximo da expressão em português é (55) “To play ignorant” e, em francês, “faire semblant”. As traduções feitas pelo *Google Tradutor* em inglês e francês, contudo, não revelam essa ideia de

uma³²⁷ pessoa trapaceira, e sim, de uma pessoa que não possui um membro superior.

5. Considerações finais

Como já mencionado, estamos em uma era tecnológica e a utilização de recursos e serviços *on-line* estão cada vez mais presentes na realização de tarefas do nosso cotidiano, não sendo diferente no contexto educacional. Nesse sentido, não podemos negar o uso desses recursos no processo de ensino-aprendizagem de uma língua, seja ela estrangeira ou língua materna.

A partir das análises feitas ao longo deste trabalho, podemos inferir que o uso dos recursos tecnológicos de tradução, sejam eles através da utilização de aplicativos, *sites* ou serviços *on-line* parecem ser um caminho sem volta. Contudo, é de suma importância compreender que a atividade de tradução não se configura uma atividade simples, visto que cada idioma possui características específicas, definidos pelos aspectos geográficos, históricos, culturais, dentre outros.

Sendo assim, as expressões idiomáticas carregam consigo uma carga semântica enraizada na cultura linguística de um determinado povo, não sendo possível, muitas vezes, serem traduzidas de forma equivalente em outra língua.

Nesse sentido, a atividade de tradução não pode nem deve se esgotar apenas na informação fornecida pelos recursos tecnológicos. Leitura e o conhecimento cultural sempre foram e continuam sendo, também, ferramentas essenciais para a melhor atuação, interação e participação neste mundo globalizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELNIA, A., DASTJERDI, HOSSEIN V. Translation of Idioms: A Hard Task for the Translator. In: *Theory and Practice in Language Studies*. Academy publisher: V. 1, n. 7, p. 879-83, ISSN: 1799-2591, 2011.

ALVAREZ, Maria Luiza Ortiz. Traduzir uma expressão idiomática não é

³²⁷As traduções literais dos textos supracitados foram feitas através do tradutor online *Google Tradutor*. Disponível em: <https://translate.google.com/?hl=pt-BR>.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

quebrargalho, é descascar um abacaxi. In: *Tradução e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2011.

AMMER, C. *The American Heritage Dictionary of Idioms*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1997.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra: O albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7 Letras/PGET, 2007.

BURKE, P.; HSIA, R. *A tradução Cultural: nos primórdios da Europa-Moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CAMBRIDGE. *Cambridge International Dictionary of Idioms*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseología española*. Madrid: Editorial Gredos, ISBN: 84-249-1829-0, 1997.

CORPAS PASTOR, G. En torno al concepto de colocación. In: *Euskera*: XLVI, 1, Universidade de Málaga, p. 90-108, 2001.

FLAVELL, Roger. *Dictionary of idioms and their origins*. London: Kyle Cathie Limited, 2003.

GOOGLE TRADUTOR. Disponível em: <https://translate.google.com/?hl=pt-BR>. Acesso em: 28 de Novembro de 2019.

GREIMAS, A. Idiotismes, proverbes, dictions. In: *Cahiers de Lexicologie*. Paris: n. 2, p. 41-61, 1960.

GUEERTZ, Clinford. *A interpretação das culturas*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

HALLIDAY, M. A. K. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. Revisão de: Christian M. I. M. 1. ed. Matthiessen: Routledge, 2014.

HENNECKE, A. Traducción y cultura: reflexiones sobre ladimensión cultural detextos y suimportancia para latraducción. In: *Cuadernos de Lingüística Hispánica*. Tunja: UPTC, V. 26, p. 10-119, 2015.

KEROMNES, Y. *Les Métaphores – et leurtraduction – dans la vie quotidienne*. Septet, p. 68-87, 2013.

LAKOFF, G., JOHNSEN, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da famaliterária*. Bauru-SP: Edusc, 2007.

LONG, Thomas H. *Longman Dictionary of English Idioms*. Harlow and London: Longman Group Limited, 1990.

LOPES, A. C. M. *Texto proverbial português – contributos para uma análise semântica e pragmática*. Tese de doutoramento em Letras (Linguística Portuguesa) apresentada à Fac. de Letras da Univ. de Coimbra Universidade de Coimbra, 1992.

MURAR, J. *Pragmatic and Functional Uses of Idioms*. Disponível em: http://cis01.central.ucv.ro/litere/activ_st/articole_anale_lingvistica_2009/murar_ioana.pdf, 2009. Acesso em: 10 de Novembro de 2019.

OXFORD. *Oxford Idioms-Dictionary for Learners of English*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

NORD, C. Loyalty and fidelity in specialized translation. In: *Confluências – Revista de Tradução Científica e Técnica*, n. 4, p. 29-41, 2006.

RODRIGUES, I. G., CORDAS, J., MOUTA, M. Porque é que a cabeça deita fumo? Metáforas em idiomatismos do português, francês e alemão. In: *Lingua portuguesa: estruturas, usos e contrastes*. Volume comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto, FLUP/CLUP, pp. 147-184, 2003.

RIO-TORTO, G. Lexical idiomaticity and Word processing. In: *Los límites de la morfología*. Estudios ofrecidos s Soledad Varela Ortega. Coimbra: Universidade de Coimbra, Coleção Estudios 147, p. 397-412, 2012.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernest. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: *Clássicos da Teoria da Tradução*. 2. ed. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisa e Tradução, 2010.

VAKACOVA, Jana. *A Comparative View of English, Czech, French and German Idioms*. Faculty of Philosophy, University of West Bohemia, Plzeň, p.1-9, 2005.

VALENTIM, H. T. O princípio de composicionalidade: “divide et tempera” / The Compositionality Principle: “divide et tempera”. In: Valentim, H. T. (Org.). *Cadernos WGT*. Composicionalidade. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, p. 39-49, 2009.

VENUTI, Lawrence. *A formação de identidades culturais*. In: Escândalos de tradução: por uma ética da diferença. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

XATARA, C., RIVA, Huelinton C., RIOS, Tatiana C. As dificuldades na

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tradução de idiomatismos. In: *Cadernos de tradução*. Brasil: Departamento de língua e literatura estrangeiras (DLLE) – UFSC, V. 2, n. 8, p. 183-94, ISSN: 2175-7968, 2001.

ZULUAG, A. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt: Peter D. Lang, 1980.